

DISCURSO SOBRE O DISCURSO: AS VOZES DE BOLSONARO E LULA NO PRIMEIRO DEBATE PARA PRESIDENTE

Márcia A. G. Molina (UFMA)

marcia.molina@ufma.br

Silas Gutierrez (FATEC)

silas.gutierrez@fatec.sp.gov.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o artigo “Bolsonaro responde com raiva sobre ter raiva de mulher; Lula tropeça no tema”²⁸, produzido por Anna Virginia Balloussier, depois do primeiro debate para presidência. Nesse artigo, em especial, analisamos sob a perspectiva da Semiolinguística (2005), como a repórter constituiu seu texto: a “semiotização” do mundo, naquela instância particular em que os candidatos à presidência, em especial, Lula e Bolsonaro, praticamente, degladiavam-se na e para a conquista de seus eleitores. Observaremos como seu texto cria sentidos. Sublinhamos aqui que não pretendemos, de forma alguma, discutir posição política. Em hipótese alguma, tomaremos partido deste ou daquele, há época, presidencial. Analisaremos o texto de Anna Virgínia, buscando nele os traços em que a autora revela como “enxerga” o mundo e os protagonistas do debate e como o mostra a seus destinatários. Por fim, nossa análise centraliza-se, nos estudos propostos por Charandeau (2005) e, ainda, no decorrer do texto, apoiamo-nos em ideias do Círculo Bakhtiniano (2009). O método utilizado para as análises é o descritivo-analítico.

Palavras-chave:

Discurso. Semiolinguística. Debate presidenciais,

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the article “Bolsonaro responds angrily about being angry with women; Lula stumbles over the issue”, produced by Anna Virginia Balloussier, after the first presidential debate. In this article, in particular, we analyze from the perspective of Semiolinguistics (2005), how the reporter constitutes her text: the “semiotization” of the world, in that particular instance in which the presidential candidates, in particular, Lula and Bolsonaro, practically clashed in and for the conquest of its voters. We will observe how his text creates meanings. We emphasize here that we do not intend, in any way, to discuss a political position. Under no circumstances will we take sides with this or that person who has been presidential for some time. What we will do is read Anna Virgínia's text, seeking in it the traits in which the author reveals how she “sees” the world and the protagonists of the debate and how she shows it to her recipients. Finally, our analysis is centered on the studies proposed by Charandeau (2005) and, furthermore, throughout the text, we rely on ideas from the Bakhtinian Circle (2009).

Keywords:

Discourse. Semiolinguistic. Presidential debates.

²⁸ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/quem-e-vera-magalhaes-a-jornalista-atacada-pelo-deputado-bolsonarista-douglas-garcia/>

1. Introdução

As eleições de 2022 foram um marco importante de nossa história política e revelou o que já se esperava: a existência de dois brasis: um de direita, conservador, apegado aos valores religiosos e morais, porém despreocupado com o social; e outro de esquerda, despojado, atento à sociedade e ao meio ambiente. Representando o primeiro, como todos já sabem, tínhamos a polêmica figura de Jair Bolsonaro, do PSL (Partido Social Liberal) político de carreira, deputado que respondeu a inúmeros inquéritos em virtude de suas não menos polêmicas posições; representando o outro lado, Lula, do PT (Partido dos Trabalhadores): duas vezes eleito presidente, em ambas as edições deixando seu mandato com alto índice de aprovação, tendo, por outro lado, sido condenado a muitos anos de prisão pela Lava Jato, acusado de corrupção. Libertado em 2019, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), dada uma mudança de compreensão a respeito da prisão em segunda instância.

É bom que recordemos que os modos de produção, distribuição e consumo são “controlados” estrategicamente por determinados grupos. Esse “controle” mantém comportamentos sociais, desenvolve posturas, identidades, configurando uma sociedade cujo saber é permitido e divulgado de acordo com interesses muito específicos, na forma como se vê o mundo.

Naquele momento histórico das eleições de 2022, a população brasileira, parte dela adepta à direita, trazia como nunca se vira anteriormente nossa bandeira no peito, nos carros, nas sacadas dos edifícios. Já os de esquerda, na ocasião, modestamente, ostentavam a bandeira vermelha do PT (Partido dos Trabalhadores). As pesquisas havidas até então, apontavam um empate técnico entre os dois candidatos. Para auxiliar a população a decidir, a Rede Bandeirantes promoveu (e costuma promover) debates eleitorais.

Em relação ao presidencial, o primeiro entre os candidatos à presidência ocorreu, dia 28 de agosto de 2022, colocando frente a frente pela primeira vez, os principais candidatos ao Planalto: Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Jair Bolsonaro (PL), Ciro Gomes (PDT), Simone Tebet (PMDB), Felipe D’Avila (Novo) e Soraya Thronicke (União Brasil). O segundo, promovido por essa emissora, já para o segundo turno, ocorreu em 16 de outubro do mesmo ano.

O primeiro encontro foi mediado pelos jornalistas Adriana Araújo e Eduardo Oinegue, do Grupo Bandeirantes de Comunicação, nos dois

primeiros blocos. No último, pelo diretor de Jornalismo da TV Cultura Leão Serva e pela jornalista Fabíola Cidral, do portal UOL.

É exatamente sobre o artigo, produzido um dia depois do primeiro debate, que discorreremos a seguir, centrando nossa atenção, em especial, aos momentos em que a articulista trata das falas de Bolsonaro e Lula, avaliando nesse texto os traços em que a autora revela como “enxerga” o mundo e os protagonistas do debate e como o revela a seus destinatários. Para isso, utilizaremos os estudos realizados por Charandeau (2005) e em ideias propostas pelo Círculo Bakhtiniano (2009), adotando o método descritivo-analítico para análise do *corpus*.

2. *Da autora*

Anna Virginia Balloussier²⁹ é jornalista desde 1995, formada pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Escreve sobre religião, política, eleições e direitos humanos. Está na Folha desde 2010, passando por diversas editorias. De 2013 a 2014, assinou o *blog Religiosamente*. Em 2016, foi correspondente do jornal em Nova York. Autora do livro “Talvez ela não precise de mim: diários de uma mãe em quarentena” (Todavia). Escreveu para o Estadão, foi editora do site “BR Político” e hoje publica no Estado de Minas, sendo comentarista de alguns veículos de comunicação.

3. *Do veículo: a Folha de São Paulo*

Fundada em 1921, a Folha é um dos maiores e dos mais influentes dentre nossos jornais diários. Seu crescimento foi calcado nos quatro alicerces do Projeto Folha: pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência, propondo-se a fazer uma curadoria de notícias, oferecendo conteúdo variado e expondo seus leitores a diversos pontos de vista de uma mesma notícia. Seu jornalismo concentra-se em temas de informação geral e interesse público, traduzidos em material compreensivo para o maior número de pessoas.

Define-se como veículo de inspiração liberal, reformista e aberto à pluralidade de tendências, sempre mantendo firme compromisso com a defesa da democracia.

²⁹ <https://www1.folha.uol.com.br/autores/anna-virginia-balloussier.shtml>.

Seus valores compreendem: compromisso com o leitor; diversidade; excelência; independência econômica e editorial; integridade e liberdade de expressão. Em relação a seus princípios editoriais, preconiza que, sob o pressuposto de que a difusão de informações confiáveis e opiniões qualificadas estimula o exercício da cidadania e contribui para o desenvolvimento das ideias e da sociedade, possui compromisso com os seguintes princípios:

1. Confirmar a veracidade de toda notícia antes de publicá-la;
2. Praticar um jornalismo que ofereça resumo criterioso e atualizado do que acontece de mais relevante em São Paulo, no Brasil e no mundo, com ênfase na obtenção de informações exclusivas;
3. Priorizar temas que, por afetarem a vida da coletividade ou de parcelas expressivas da população, sejam considerados de interesse público;
4. Promover os valores da democracia representativa, dos direitos humanos, da evolução dos costumes, do conhecimento, da solução pacífica dos conflitos, da livre-iniciativa e da equalização de oportunidades;
5. Abordar os assuntos com disposição crítica e sem tabus, no intuito de iluminar problemas, apontar falhas e contradições, questionar as autoridades públicas e os poderes privados, sem prejuízo de buscar conteúdos proveitosos ou inspiradores;
6. Cultivar a pluralidade na composição da Redação e no conteúdo veiculado pelo jornal, seja ao divulgar um amplo espectro de opiniões de diferentes atores sociais, seja ao focalizar mais de um ângulo da notícia, sobretudo quando houver antagonismo entre as partes nela envolvidas; registrar com visibilidade compatível pontos de vista diversos implicados em toda questão controvertida ou inconclusa;
7. Obrigar-se a ponderar os argumentos da parte acusada e, publicando uma acusação, garantir espaço ao contraditório;
8. Manter atitude apartidária, desatrelada de governos, oposições, doutrinas, conglomerados econômicos e grupos de pressão;
9. Preservar o vigor financeiro da empresa como esteio da independência editorial e garantir que a produção jornalística tenha autonomia em relação a interesses de anunciantes; assegurar, na publicação, características que permitam discernir entre conteúdo jornalístico e publicitário;
10. Estabelecer distinção visível entre material noticioso, mesmo que permeado de interpretação analítica, e opinativo;
11. Rechaçar censura e outras agressões à liberdade de expressão, reconhecendo, no caso de abuso comprovado dessa liberdade, a responsabilização posterior dos autores, nos termos da lei;

12. Identificar e corrigir com destaque erros de informação cometidos; publicar manifestações de crítica ao próprio jornal; manter mecanismos transparentes de autocontrole e correção.³⁰

Embora se considere um veículo apartidário, esse jornal tem mostrado forte vocação esquerdista, tanto no que diz respeito à abordagem das notícias quanto nas vozes dos articulistas. A esse respeito, Sérgio Dávila, editor-executivo do jornal, em artigo publicado no final de 2017, admitiu que esse veículo seria constituído majoritariamente pela “elite de esquerda”³¹.

Tal tendência parece ter se revelado já na instância de sua criação, uma vez que surgira como oposição ao Estado de S. Paulo, que atendia às elites rurais, apresentando uma posição conservadora e tradicional. A Folha que se propõe reformista e aberta à pluralidade de tendências, seria então o outro lado da moeda em veículos de notícias de São Paulo.

Em relação a seus leitores, uma pesquisa realizada pelo jornal em 2018, mostrava tratar-se, na maioria, da Grande São Paulo, têm de 25 a 60 anos e são pertencentes, sobretudo, à classe B. Dentre esses, inúmeros professores de Ensino Fundamental, Médio e Superior, muitos dos quais, como se sabe, de esquerda. Têm TV por assinatura e *internet*, portanto amplo acesso à informação³².

4. *Da enunciação ao ato de linguagem*

Como se sabe, deve-se à Benveniste (2005) os primeiros estudos a respeito da enunciação. Apoiado, de um lado, no método distribucional de Harris e, de outro, em Saussure, chega ao enunciado, isto é, ao emprego por um falante, das formas submetidas a determinadas regras ou conjunto de regras em que essas formas significantes devem, normalmente, aparecer numa língua.

Por meio dessas regras o falante chega à enunciação, compreendida por Benveniste (*Op. cit.*), como ato individual de utilização da língua, nas quais se recuperam os índices pessoais que atestam o jogo da inter-subjetividade.

³⁰ Informações obtidas em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml.

³¹ <https://www.ilisp.org/noticias/em-artigo-editor-da-folha-admite-que-jornal-e-de-esquerda-e-militou-pro-haddad/>. Acesso em 14.03.2023.

³² http://www.publicidade.folha.com.br/folha/perfil_do_leitor.shtml. Acesso em: 14.03.2023.

Para a Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), por outro lado, as marcas que atestam a relação do sujeito com a sua linguagem não são unívocas nem recuperáveis empiricamente. Para essa teoria, tal concepção deixa de ser produto da individualidade e passa ser advinda de uma ideologia, de um lugar de confronto do ser com o mundo, o lugar da dispersão e da unidade do sujeito.

Dessa forma, a enunciação vista pelos teóricos seguidos de Benveniste como ato individual de utilização da língua, passa a ser compreendida pela AD como produto da organização feita por um sujeito múltiplo e descentrado, advindo de várias formações discursivas.³³

Já Charaudeau (2005) a linguagem comporta várias dimensões, dentre as quais destaca uma cognitiva, outra social e psicossocial e, por fim, uma semiótica, lembrando que, para ele o discurso fica inserido numa problemática geral que procura relacionar os fatos de linguagem a alguns outros fenômenos psicológicos e sociais, tais como a *ação* e a *influência*, posição denominada de semiolinguística³⁴.

A primeira dessas dimensões, a cognitiva, busca saber se há, efetivamente, uma percepção e uma categorização do mundo independentes da ação da linguagem, ou se tais processos se realizam necessariamente através da linguagem ou se fatos sociais e psicológicos atuam em conjunto na e para a realização do sentido do texto. A segunda dimensão aborda questões que remetem ao valor de troca dos signos e ao valor de influência dos fatos de linguagem. E a última trata da relação entre a construção do sentido e a construção das formas, buscando respostas para questões relativas à maneira de como se dá a semantização das formas e do sentido, por exemplo.

Para Fairclough (1989), o estudo da linguagem realizado criticamente contribui para identificar relações de dominação e poder implícitos no discurso, pois muitas vezes, certas formas de realidades são encaradas como naturais e inquestionáveis. Determinadas marcas linguísticas instauram uma realidade de discurso criada não apenas pelo enunciado, mas

³³ Conjunto de regras anônimas, históricas, determinadas no tempo e no espaço que definem uma época e uma área social, econômica, geográfica ou linguística, dada as condições de exercício da função enunciativa (ORLANDI, 1988).

³⁴ *Semio*-, de “semiosis”, evocando o fato de que a construção do sentido e sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação; *linguística* para destacar que a matéria principal da forma em questão - a das línguas naturais.

por todo um processo interativo que delinea discursivamente um dado retrato linguístico social. Sendo assim, descarta-se uma análise apenas dos fenômenos linguísticos, mas que privilegie aspectos sociais, culturais e históricos.

Neste trabalho, apoiados em Charandeau (*Op. cit.*), seguiremos, principalmente, a proposta da Semiologia, avaliando como a autora procedeu à semantização das formas, estabelecendo sentido ao discurso, ou seja, se no artigo em pauta, avaliando os atos enunciativos proferidos pela autora se fazem por meios de fatos de linguagem ou se por fenômenos psicológicos e sociais como *ação e influência*, auxiliando na e para a constituição do significado do texto. Outros autores, como Bakhtin, quando julgarmos relevante, serão trazidos à discussão.

5. *Da análise do texto*

Começamos esclarecendo aqui que entendemos como texto a parte concreta do discurso, neste caso específico, aquela materializada no jornal por meio do artigo: “Bolsonaro responde com raiva sobre ter raiva de mulher. Lula tropeça no tema”, produzido um dia após o debate ocorrido na Rede Bandeirantes, relembrando que nosso objetivo são particularmente as partes em que a autora diz respeito às falas de Bolsonaro e Lula.

Iniciamos a análise já do título do texto: “Bolsonaro responde com raiva sobre ter raiva de mulher; Lula tropeça no tema”. De imediato percebemos a coocorrência do substantivo feminino “raiva”, que traduz um “comportamento repleto de fúria, demonstrado pelo excesso de agressividade; ira: sentimento de irritação; ódio; expressão de aversão ou relutância; frustração: sensação de repugnância; repulsão³⁵”. A autora, ao escolher este substantivo de valor semântico negativo (raiva) e o utilizando por duas vezes, quando trata de Bolsonaro, parece querer sublinhar o que seus leitores já sabem: o preconceito e machismo atribuído a ele durante todo o seu mandato (e até antes dele), corroborado por expressões utilizadas em muitas de suas falas, tais como: “Ela não merece porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque ela não merece” (proferida em 2014, para o Jornal Zero Hora).

³⁵ Dicionário on-line: <https://www.dicio.com.br/raiva/>.

Logo no início do artigo, Anna traz aos leitores, a resposta de Bolsonaro à pergunta formulada pela jornalista Vera Magalhães³⁶, relativa ao tema da desinformação sobre vacinas por ele alimentada:

Muitas eleitoras dormiram pensando na reincidência misógina de Jair Bolsonaro (PL), que acusou uma jornalista de dormir pensando nele quando ele topou com uma pergunta que não gostou (sic). “Você tem alguma paixão em mim”, disse o presidente.

Ao utilizar a expressão “acusou uma jornalista de...”, como se a acusasse de um crime, imprime ao verbo carga bastante negativa.

A palavra é um meio estratégico e dinâmico em contínua transfiguração num processo de interorientação socioverbal. Dada sua mutabilidade, adquire várias tonalidades semânticas na cadeia comunicativa; sendo na enunciação o lugar onde pode ocultar ou revelar, por meio sutis e versáteis, valores, ideias e crenças. Dessa forma conceitual, a palavra situa-se no núcleo das práticas discursivas que se cruzam ideologicamente; sua significância é construída, mantida ou modificada dentro de esferas de produção, circulação e recepção social que a revestem de inúmeros acentos ideológicos.

Assim sendo, as coerções de determinadas esferas da atividade humana formam o signo, de outra forma, estaria destituído de carga ideológica e permaneceria em sua concepção neutra: um sinal. Bakhtin/Voloshinov (2009) apontam para a distinção entre signo e sinal. O primeiro é o sinal revestido ideologicamente. Já o segundo, refere-se à capacidade que um recurso semiótico tem de transitar por diferentes esferas sociais e históricas, absorvendo cargas ideológicas distintas. Esse assunto faz parte de uma abordagem mais ampla sobre a crítica do Círculo ao objetivismo abstrato que faz do signo apenas um sinal.

Isso quer dizer que palavra, nessa perspectiva, é analisada por meio da expressividade de quem a utiliza, considerando também entonações, acentos apreciativos e tons valorativos em diferentes situações, além do comportamento ético-social de seus interlocutores: “não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc.” (*op.cit.* p. 98). As realidades criadas e direcionadas, segundo as escolhas verbo-visuais, são retratadas pela linguagem.

³⁶ Jornalista brasileira, formada pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, apresentou grandes trabalhos *Roda Viva*; *CBN Brasil*; *O Globo*; *Jovem Pan*; *Estadão*; *VEJA*; *Folha de S.Paulo*; *Primeira Leitura*; *Diário do Grande ABC*.

E parece ser isso que a autora vislumbrava nos discursos de Bolsonaro: palavras desagradáveis acerca das mulheres, de acordo com a visão de mundo de seu enunciador.

Em relação à fala de Lula, a autora somente expressa: “tropeça no tema”... vejamos: não foi: “mostrou insegurança”, tampouco “deixou a desejar”, apenas e laconicamente: escolheu o verbo “tropeçar”... ou seja, Lula escorrega, mas não cai, de carga semântica que não tende nem ao negativo tampouco ao positivo.

Voltamos aqui a Charandeau (*Op. cit.*), ao postular que o processo de semiotização do mundo envolve dois momentos:

- o primeiro é o de *transformação*, que, partindo de um “mundo a significar”, o *transforma* em “mundo significado” sob a ação de um sujeito falante;
- o segundo é o de *transação*, que faz deste “mundo significado” um *objeto de troca* com um outro sujeito que desempenha o papel de destinatário deste objeto:

Figura 1: Processo de semiotização.



Fonte: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiinguistica-do.html>.

Isso quer dizer que Anna tinha o debate a significar e, partindo de seu conhecimento de mundo e o partilhado que sabe ter com os seus leitores, executa os processos de transformação (o que ouviu) e o de transação (para quem está dirigido o texto, naquele veículo específico, assumidamente de esquerda, que é a Folha de São Paulo), para leitores em sua maioria, simpatizantes com a mesma linha.

Na sequência, a repórter, utilizando-se do “princípio de influência”, continua: “A simpatia de 82 milhões de mulheres aptas a votar este ano é do que as campanhas mais deveriam correr atrás neste palco dominado por dois homens que, cada um a seu modo, encarnam um bolorento papel de cabra-macho no imaginário popular”. Recordemo-nos de que o princípio de influência, para Charandeau (*Op. cit.*) diz respeito, em linhas gerais a um ato de linguagem organizado por um sujeito social num meio

social, sob determinado contexto, para um destinatário. Nas palavras do autor:

[...] por conseguinte, todo sujeito receptor-interpretante de um ato de linguagem sabe que é alvo de influência. Isto confere a este último a possibilidade de interagir, mas obriga os parceiros a levar em consideração a existência de restrições ao exercício da influência. A *finalidade intencional* de todo ato de linguagem se acha, pois, inscrita no dispositivo sociolinguageiro. (CHARANDEAUX, 2008)

Nessa instância do artigo, aquele lado da balança que pendia negativamente contra Bolsonaro no título, agora parece ter equilíbrio, já que iguala a ambos a “cabras machos”.

Essa expressão, advinda, como a própria jornalista apontou, do imaginário popular, diz respeito ao indivíduo admirado ou respeitado, geralmente pela sua valentia³⁷, mas como o sentido de um texto se dá globalmente, ao utilizar a expressão, a autora parece querer atribuir aos dois característica de “mandões”, “brutões”, adjetivos de carga semântica negativa.

Dando continuidade no texto, a autora, traz a pergunta da presidente Simone Tebet a Bolsonaro: “Por que tanta raiva das mulheres?” Fazendo aparecer pela terceira vez a palavra raiva no texto, amenizando o texto, com a seguinte afirmação: “E aí não há Michelle que consiga salvar a imagem do marido grosseirão que, veja bem, no fundo tem coração de manteiga”. Embora a maioria dos leitores da Folha de São Paulo se julguem de esquerda, há dentre eles, os de direita. Assim, está ciente de que, para ser lida, deve atender a ambos os tipos de destinatários.

Contudo, como sujeito sociocognitivo que é, pertencente a uma determinada esfera social, novamente faz a balança pender negativamente para o então presidente, “Tanto Bolsonaro quanto Lula (PT) tiveram momentos ruins quando a paridade de gênero entrou na conversa, mas o presidente foi mais infeliz. Bolsonaro já tem um histórico de falas machistas para desqualificar mulheres que o enfrentam”. Com o emprego do adjetivo “infeliz”, seguido de “falas machistas” e “desqualificar mulheres”, acaba por revelar o ser social por trás da constituição do texto.

Ou seja, a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, co-

³⁷ in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008–2021, <https://dicionario.priberam.org/cabra-macho> [consultado em 14-03-2023].

mo se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação.

E, nesse jogo de fazer oscilar a balança, mais adiante no texto, assevera: “Lula também está longe de ser um aluno exemplar. Questionado se assumiria o compromisso de preencher metade de sua Esplanada com ministras mulheres, disse que indicaria “as pessoas que têm capacidade”. Preferiu “sair-se com esse argumento queridinho da turma da meritocracia, que parte da falsa premissa que todos nascem em pé de igualdade para disputar a mesma vaga”.

Sendo assim, o enunciado traz diferentes formas de apropriação do mundo e seus modos de dizer encontram-se em um processo contínuo de comunicação, ajustando contexto, locutor e ouvinte.

Importante ressaltar que o Círculo não concebe formas estáveis de textualização, pois cada estrutura composicional é motivada por diferentes propósitos, em interação com locutores distintos. Dessa forma, o enunciado caracteriza-se pelo projeto enunciativo do locutor integrado num processo de permanente adaptação, organizado em gênero de discurso.

E mais uma vez, ao significar a fala de Lula, embora tenha dito que o presidenciável não fora “aluno exemplar” dá a impressão de que sublinha apenas um “tropeço” em relação a um assunto tão delicado.

Tais constatações fazem-nos chegar ao seguinte quadro resumitivo das falas de ambos os presidenciáveis:

Tabela 1: Semiotização das falas dos dois presidenciáveis.

Bolsonaro	Carga Semântica	Lula	Carga Semântica
Raiva	Negativo (-)	Escorrega	negativo/positivo (+-)
Raiva	Negativo (-)	Bolorento papel	Negativo (-)
		Cabra macho	Negativo (-)
Raiva	Negativo (-)	Está longe de ser aluno exemplar	Negativo (-)
Acusa	Negativo (-)	As pessoas que têm capacidade	negativo/positivo (+-)
Raiva	Negativo (-)		
Bolorento papel	Negativo (-)		
Cabra macho	Negativo (-)		

Muito ruim	Negativo (-)		
Feia	Negativo (-)		
Jamais a estupraria	Negativo (-)		
Mais Infeliz	Negativo (-)		
Machista	Negativo (-)		
Não fora aluno exemplar	Negativo (-)		

Fonte: Autoria própria.

Sendo assim, um interlocutor, imanente ou presumido, molda e, ao mesmo tempo, é moldado por um dado empreendimento enunciativo verbal, atuando de forma responsiva, sendo um interagente diante da notícia jornalística.

Para finalizar o texto, a autora traz uma pesquisa realizada pelos ouvintes/espectadores da Bandeirantes feita durante o debate: “E, enquanto o debate transcorria, a pergunta “o que é feminista” subiu 800% nas buscas do *Google*. “Misoginia” teve uma alta de 2.650%.” Suas palavras finais são: “Quem procura acha”, contando novamente com o saber partilhado e subentendido entre ela (sujeito falante) e seus leitores (sujeitos destinatários): “Bolsonaro no debate não conseguiu ultrapassar seu preconceito em relação a mulheres.”.

Como sujeito social, que enxerga o mundo a sua volta, ao chamar para seu texto um outro o fez com a intenção de mostrar a seus leitores qual a imagem efetiva possuída e reafimada durante o debate por Bolsonaro.

6. Considerações finais

Ao final das análises, pudemos perceber, nas pegadas de Charandeau (*Op. cit.*), que todo sujeito de fala, na instância de um ato de linguagem deve buscar compreender e buscar engajar-se naquele espaço, legitimando e/ou justificando sua “tomada da palavra”.

Além disso, deve posicionar-se em relação aos outros, usando estratégias para criar engajamento em relação a seu destinatário. E foi esse exercício que vimos a autora fazendo durante todo o seu artigo. Usando de atos de linguagem, utilizando palavras de valor semântico negativo, mostrou o então presidente reforçando seu discurso misógino e avesso à Ciência.

Contudo, como já falado, a maioria de seus leitores é de esquerda e, como todo sujeito deve também *posicionar-se com relação aos outros* (quer se trate do parceiro real do ato de linguagem ou de diversos destinatários visados), usa de palavras menos pesadas em relação à Lula, estratégia discursiva para criar relações de *aliança* com seus leitores.

Somando a isso, como todo sujeito linguageiro precisa situar-se em relação ao mundo, não pode deixar de problematizar sua enunciação de maneira adequada. Assim faz uso dos processos de semiotização (transformação x transação), para revelar a seus leitores, mesmo que sub-repticiamente, quem despontava, naquele momento, o menos pior candidato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikail; VOLOSHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13.; ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I e II*. Campinas-SP: Pontes, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Une analyse sémiolinguistique du discours*. Paris: Langages n. 117, 1995.

_____. Uma teoria dos Sujeitos da Linguagem. In: _____. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. London: Longman, 1989.

FIORIN, José Luís. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.